# Demonica : Overkill

Snippets of Demonica life...

LARISSA IONE

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

# DEMONICA: OVERKILL

# CONTOS:

**Wraith e Serena**

**Tayla e Eidolon** - Cena entre Sin Undone e Eternal Rider

**Kaden e Andrea** - Esses dois capítulos estão inclusos no ebook de Eternity Embraced, mas não no livro físico, também pode ser encontrado no The Mammoth Book of Vampire Romance 2: Love Bites

**Luc e Kar** - Essa cena é 8 meses depois dos eventos de Sin Undone

**Shade e Runa** - (Christmas Part 1) – Essa cena se passa entre Rogue Rider e Reaver

**Reaver** - (Christmas Part 2) Essa cena se passa entre Rogue Rider and Reaver

**Revenant** – Epílogo

Como leitor, você já se perguntou o que acontece depois de "Fim?"

Sim, eu também.

Então, estou trabalhando em escrever histórias curtas para atualizar os leitores sobre a vida dos personagens de Demonica para aos meus incríveis fãs. Estas pequenas atualizações gratuitas são para você. Não posso agradecer o suficiente por todo o seu entusiasmo por esta série. Você o colocou no topo em concursos e em várias listas de best-sellers. OBRIGADO! E certifique-se de verificar depois para novas histórias.

Espero que você goste!



# Wraith e Serena

Serena Kelley amava a caça. A caçada, os tesouros arqueológicos foram o destaque da sua vida quando ela era humana. Agora que ela era uma vampira, as caçadas eram por alimento, e de alguma forma, era um milhão de vezes mais emocionante.

A melhor parte era assistir Wraith baixar suas presas.

Total. Arrepio.

Eles acompanharam um grupo de bandidos pelas ruas de LA, à espera de um ou dois se separar. Dois machos, eventualmente, entraram na porta de um edifício, os seus próprios olhares predadores esperando por algo. Um negócio de droga, uma vítima para roubar.

Oh, como Serena gostava de caçar esses desprezíveis. Na semana passada, eles assustaram para valer alguns russos comerciantes de carne. Na semana anterior, os idiotas do cartel colombiano de drogas. Brincar com eles, vendo-os mijar seus machismos, foi uma grande diversão.

— Você quer esses dois? — Wraith perguntou; seus lábios roçando a orelha dela.

Energia elétrica acendeu ao toque dele, o acúmulo de adrenalina no final sempre os deixavam tão quentes que se não fosse pelo fato de que precisavam se alimentar, eles estariam arrancando a roupa um do outro neste momento em vez de caçá-los.

— Pegue-os, — ela sussurrou.

Ela era plenamente capaz de fazer isso sozinha, ela era mais forte do que os seres humanos, e Wraith lhe ensinara assim. Mas preferia assistir o seu companheiro pegá-los, porque as recompensas... Deus, ela ficava realmente ofegante quando ele escorregava silenciosamente nas sombras.

Com facilidade constrangedora, ele agarrou os dois homens grandes e os empurrou para o beco escuro entre os prédios. Serena seguiu para que pudesse assistir, e sua boca encheu de água quando os empurrou para a parede de tijolos e afundou as presas na garganta do macho lutando, e segurou o outro sem esforço no ar com uma mão no pescoço dele.

Ele não iria matá-los, como vampiros, eles eram autorizados a matar apenas um humano por mês, e Wraith guarda isso para os desprezíveis cruéis, como um dos caras russo da semana passada. Até agora, ela se conteve e não matou ninguém, exceto alguns demônios que a atacou quando ela estava caçando artefatos demoníacos. Para ela, essas eram as regras: *Ataque-me e morre.* E quando os seres humanos atacavam, eles não estavam sujeitos à regra de um por mês. Defesa e alimentação eram duas coisas diferentes.

O macho no ar chutou por um momento, mas Wraith o deixou inconsciente rapidamente.

Eles não faziam isto todas as noites, só impunham à sua família tomar conta das crianças uma vez por semana. Normalmente Serena ficava em casa com Stewie e esperava Wraith voltar para casa da caça. Ela se lançava sobre ele quando ele entrava pela porta, e eles raramente chegavam ao quarto antes que ela tivesse suas presas na garganta dele e ele estivesse dentro dela.

Como se Wraith soubesse onde foram seus pensamentos, ele moveu para que pudesse vê-la, seu olhar dourado a cortou. O ar entre eles engrossou, resplandeceu de fome, e com um rosnado, ele soltou o primeiro homem e mordeu o segundo, tomando mais sangue para que ele pudesse alimentá-la.

Às vezes, ele brincava com ela, bebia devagar, com chupadas longas, demorando-se. Outras vezes, como agora, ele praticamente inalava sua comida, engolindo avidamente, tão rápido que provavelmente não sentia gosto de nada.

Seu garoto estava impaciente para terminar... assim ele poderia começar com ela.

Serena estremeceu com deliciosa antecipação.

Wraith deixou o segundo macho cair no chão e se virou para encará-la totalmente. Seus olhos estavam fundidos com a luxúria, seu olhar um laser, e foi direcionado para ela.

Às vezes, ela esperava que ele viesse a ela e a levasse exatamente onde estava. Às vezes, ela corria, o fazia caçá-la e funcionava para ele.

Esta noite era uma dessas noites, e ele sabia disso. As narinas infladas, seus músculos se contraíram, e ele abaixou a cabeça, soltou um rugido, e lançou-se para ela.

Com um grito de prazer, Serena saiu correndo.

Os passos pesados de Wraith soaram no chão atrás dela. Ela correu mais rápido. Ele sibilou, chutou-se para a próxima marcha, e partiu para cima dela. Oh, ela estava tentada a desacelerar e deixar que ele a pegasse, mas quanto maior a perseguição, mais difícil era para ele, mais feroz era o sexo.

E esta noite ela queria tudo o que tinha para dar.

Ela correu até um beco, ziguezagueou entre os edifícios, saltou sobre uma escada e correu sobre um telhado. Quando chegou ao limite, ela pulou, atingiu o telhado próximo agachada.

Ela não podia mais ouvir Wraith atrás dela.

Cautelosamente, ela se levantou e olhou para a noite. À distância, ela ouvia veículos buzinando, pessoas festejando, cães latindo. Um tiro ecoou em algum lugar próximo.

Mas não havia nenhum sinal de seu companheiro.

Ela sabia que não devia pensar que o perdera. Provavelmente, ele estava circulando o prédio, esperando ela descer pela escada de incêndio ou saltar para o prédio ao lado. Mas ela seria a última a rir, porque não faria nada disso.

Ela desceu a escada de dentro e fugiria pela porta da frente do prédio, onde não seria de esperar que ela saísse.

Silenciosamente, ela rastejou até a porta. Estava trancada, mas com um toque forte, ela quebrou a maçaneta e a empurrou.

A próxima coisa que soube, ela foi puxada da escada, bateu contra a parede, e as mãos de Wraith arrancavam a calça jeans. Ela se esticou contra ele, dando o melhor que conseguia para abrir a braguilha. Quando envolveu a palma da mão em torno de seu pau, ele soltou um baixo rosnado erótico em sua garganta, um som que sempre a deixou completamente molhada.

Em cinco segundos, suas calças estavam fora e o pau de Wraith na sua entrada. Ele agarrou seu cabelo com uma mão a fim de segurá-la para seu beijo, usando a outra mão para levantar a coxa para que seu núcleo ficasse firme contra ele.

— Agora, — ela murmurou contra seus lábios, mas porra, ele apenas girou os quadris, esfregando contra ela para que sua pélvis o apertasse apenas na pressão certa. O toque certo.

Ele estava brincando com ela, mas ela tinha um truque na manga. Levantando o rosto dele, ela lançou sua língua e lambeu ao longo de uma das presas. Ele sussurrou no fundo da garganta, mas não se moveu. A ação sempre tinha o efeito de acalmar a besta selvagem, e sempre que ela tocava os dentes enormes, ele se acalmava, começava a ofegar, e ela levaria vantagem.

Oh, como amava esse poder.

Lentamente, ela o acariciou, subindo e descendo, circulando a ponta afiada. Um pouco de pressão... e uma gota de sangue jorrou na sua língua. Wraith estremeceu, rosnou, e empurrou seus quadris para frente para preencher seu núcleo com um golpe único e poderoso.

Ondulações de prazer a percorreu quando veio o primeiro orgasmo. Wraith lambeu a boca enquanto bombeava nela, mas quando o clímax desapareceu, a outra fome veio à tona, e com ela o ressoar do próprio animal, ela mostrou os dentes. Wraith inclinou a cabeça, expondo seu pescoço para ela, e ela não esperou.

Serena mordeu, e o gosto de sua pele, seu sangue, inundou a boca dela. O gemido dele aumentou ainda mais quando ela cravou as unhas em suas costas.

— Oh, sim, — ele respondeu asperamente. — *Foda-se, sim*. Mais forte baby.

Ela o chupou, divertindo-se com a energia dele fluindo no corpo dela, o poder da vida, a essência fluindo por seus dentes, língua e em suas veias. Outro orgasmo a levou, e Wraith se juntou a ela por dois ou três. A comoção continuou inundando-

os, e mesmo depois que ele parou de se mover, ela continuou gozando, graças ao seu dom Seminus único.

Ele a segurou junto a ele, observando-a com um olhar de pálpebras pesadas. Ele muitas vezes lhe disse que esta era a melhor parte do sexo com ela, observá-la gozar até que estivesse tremendo de exaustão. Ele gostava de segurá-la e cuidar dela durante esses poucos minutos em que ela não era nada, mas que uma piscina de mingau derretido.

E, como de costume, demorou uma eternidade para se recuperar. Vampiros ficavam cansados e sem fôlego, assim como todos os outros. Ah, claro, Eidolon disse que a coisa de respiração era uma espécie de reflexo da sua vida humana, mas Serena não acreditou. Não quando, depois de uma dúzia de orgasmos, ela estava tão ofegante quanto Wraith.

Descansando a testa contra a dela, ele ergueu as mãos para emoldurar seu rosto. — Eu te amo, *lirsha*.

— Eu também te amo, — ela sussurrou.

Agora que sua fome física foi saciada, outra necessidade começava a bater em seu peito. Ela era mãe, e seu filho e companheiro eram seu mundo. Ela precisava voltar para Stewie.

Não importa que não tivesse dado à luz a bela criança de cabelos escuros, de olhos castanhos. Ele era dela, e cada dia ela agradecia a Deus por Wraith ter sido o demônio que foi antes que ela o conhecesse. O passado dele foi trágico, assustador e, às vezes, selvagem. Mas ele o levou para ela, e trouxe Stewie à vida.

Wraith deu a ela tudo que ela apenas sonhara.



# Tayla e Eidolon

A precisão que disparou pelas veias de Eidolon como uma corrente elétrica, o zumbido aumentando a intensidade enquanto atravessava a porta da frente de seu apartamento em Manhattan, se transformara em dor quase paralisante.

Ele conseguiu trabalhar quase um turno completo no hospital sem fazer uma pausa – UG esteve tão ocupado que a luxúria incubus foi trocada pelo desejo médico de curar. O que era uma raridade, com certeza, mas parece que os problemas crescentes do mundo mudaram as regras e leis da natureza. Cada demônio estava sentindo os efeitos de um apocalipse iminente, graças a irmã de Eidolon, Sin, e seu papel não intencional em quebrar o selo do primeiro Cavalheiro.

Ainda assim, Eidolon suportou um período longo demais em seu turno, segurando até o limite sua necessidade de estar na cama com Tayla, e finalmente ele foi para casa. Ela poderia ter vindo para ele, inferno, seu escritório se tornou um segundo quarto, mas ela estava dormindo quando ele ligou, e o pensamento de deslizar sob as cobertas com ela era muito tentador.

Ele se despiu enquanto caminhava pelo corredor em direção ao quarto, deixando uma trilha de roupas em seu rastro. Mickey, o furão de Tayla, e Mange, seu cão, cumprimentou-o na metade do caminho para o quarto, e ele parou por um segundo para dar a cada uma palmadinha rápida e uma promessa de que brincaria mais tarde.

Muito, muito mais tarde.

O farfalhar dos lençóis foi uma chamada erótica, e o tempo suficiente com os animais de estimação. Endireitando, seus sentidos aguçados e sintonizados com o sexo, ele inalou o cheiro de sua companheira, embora soubesse onde ela estava. Todos os músculos do seu corpo endureceram ao pegar seu perfume, corpo banhado e shampoo de baunilha, e abaixo disso, o inebriante cheiro de luta. Ela esteve lutando novamente.

O conhecimento tanto o animou como o enfureceu. Ela era a chefa de uma célula Aegis local, mas deveria estar gerenciando sua equipe, não lutando com demônios. Ele precisava dela segura, caramba.

Ele procurou por uma companheira por tanto tempo, e agora que havia encontrado a mulher mais perfeita que poderia imaginar, ele não poderia perdê-la. *Não poderia perdê-la.* Tayla era sua vida.

Um rosnado levantou em seu peito enquanto espreitava dentro do quarto, a necessidade de estabelecer sua reivindicação sobre ela, mostrar que ela era dele e que era melhor ela se manter segura, tornando-o uma criatura de puro instinto. Eles estavam tentando engravidar, e embora ele tivesse prometido que não usaria seu dom para fazer isso acontecer, sua *dermoire* iluminou sem o seu consentimento, pronto para explodir de poder no ventre dela enquanto ele bombeasse sua semente no núcleo dela. Ela queria fazer isso naturalmente, mas cada vez que eles tiveram relações sexuais, ele teve que lutar contra a sua natureza, e hoje pode ser a primeira vez que ele falharia.

Ela estava enrolada em uma bola debaixo das cobertas, com os cabelos cor de vinho derramando sobre o travesseiro, sua têmpora, seus cílios delicados jogando sombras sobre sua pele pálida. Ela parecia doce, inocente, e nada poderia estar mais longe da verdade.

Ele amava isso nela.

Ocorreu-lhe que era estranho que ela estivesse dormindo, já que eles estavam vinculados de uma forma que não só permitia a ela sentir o seu desejo,

mas que se alimentam dele, mas se preocuparia com isso mais tarde. Agora precisava tanto dela que ele estava saindo de sua pele.

Seu pau doía como um filho da puta, ele escorregou debaixo dos lençóis por trás dela, pegou-a pela cintura e a puxou contra ele. Ela respirou de forma irregular, o que lhe disse que ela havia acordado, e quando colocou a boca na orelha dela e disse mais ou menos, — Eu vou te montar como um animal, — ela chupou o ar novamente, o barulho acompanhado por uma flor de excitação que fez suas narinas e seu corpo pulsar.

Antes que ela pudesse responder, ele a virou sobre os joelhos e entrou em seu calor úmido, sem preliminares, sem ternura. Ele foi longe demais, e essa primeira vez seria tudo sobre levá-los o mais rápido possível. Talvez a segunda vez fosse assim também.

Tayla gritou, mas empurrou contra ele, ela juntou seus impulsos poderosos com os dele. Os sons eróticos da vida amorosa deles encheram o quarto, aumentando-o ainda mais. Ele amava o bater de seus corpos, as respirações ofegantes de Tayla, que sempre choramingava, em seguida, ela rosnava, e então, finalmente, gritava.

Seus dedos escavaram os quadris dela enquanto a segurava... oh, sim, ele deixava marcas. No entanto, ela não reclamava. Na verdade, ela posicionou o seu peso em um braço e estendeu a mão para trás a fim de agarrar seu pulso e puxá-lo a frente.

— Mais, — ela gemeu, e maldição, adorou quando ela o queria assim. Quando queria que ele a dominasse completamente, que a possuísse e a marcasse.

Ele sempre dava o que ela queria.

Envolvendo os dedos em torno do pescoço dela, ele a empurrou para o travesseiro e avançou para o peito coberto, costas musculares. O prazer tornou-se um calor líquido e claro enquanto ele empurrava dentro ela, todos os impulsos de seus quadris empurrando para frente sobre o colchão. Suor escorreu em sua pele febril, e em pouco tempo Tayla estava tão quente, seu corpo em chamas, os gemidos esfumaçados de desejo.

— Tão bom, — ele disse no ouvido dela. — Sempre… tão… bom.

A reação dela a sua voz foi instantânea, e ela rebolou e gritou quando ele afundou os dentes no ombro dela. As contrações em torno de seu pau o colocaram

no limite, o orgasmo explodindo pela espinha acima e soprando diretamente através de seu crânio.

Deliciosa agonia, ossos quebrando.

— Eidolon pare...

Um tremor invadiu seu corpo, e ele jurou que seu cérebro derreteu.

— *Não... Eidolon*!

A voz de Tayla rompeu sua névoa de prazer, explodindo em seu segundo orgasmo. Ela não parava de dizer não, mesmo através de seu próprio clímax. Que diabos...

Abaixando os olhos, ele olhou para seu braço, os símbolos que corria do dedo ao ombro brilhavam conforme ele canalizava sua energia para dentro dela.

— Droga... desculpe... Tay... — estremeceu através de outro orgasmo, ciente de que seu poder estava profundamente no seu ventre, sondando, tentando encontrar um óvulo para se conectar com seu esperma...

Ele tremeu como se tivesse chocado, afastando seu braço e desligando rapidamente o seu poder.

Deuses... oh... Deuses. Ele sabia por que ela estava tão cansada agora.

— Hellboy, — Tayla suspirou, e então gritou quando gozou novamente.

Embora ainda estivesse duro, normalmente teria de iniciar outra rodada, ele a puxou e a deitou sobre suas costas, sentando-se sobre ela, apoiados nos joelhos e punhos. Os olhos dela estavam meio sonolentos, vidrados com prazer enquanto ofegava através de outro clímax.

Ele gostava de vê-la reagir a seu sêmen, muitas vezes deitado ao lado dela e não fazendo nada, apenas alisando seu cabelo enquanto ela passava meia hora gozando e gozando. Mas dessa vez, ele queria que ela terminasse.

Quando ela diminuiu, ainda que fosse apenas temporário, ela engoliu e lambeu os lábios. — É melhor não ter feito isso, — ela respondeu duramente. — Se você usou seu dom para me gravidar.

— Eu não precisei, — ele disse em voz baixa.

— Mmm... bom. — Seu sotaque preguiçoso, acompanhado de um movimento longo e sinuoso do corpo. E então ela congelou; seus olhos estalando abertos. — Espere. O que você acabou de dizer?

Um tremor começou em seus músculos, um intenso terremoto como nunca sentiu antes. Sua garganta apertada e seus pulmões queimando, e seu coração

batendo descontroladamente. Deuses, ele sentiu como se tivesse corrido uma maratona de 80 quilômetros.

E ganhou.

Incapaz de se sustentar por mais tempo, ele abaixou seu corpo em cima dela, usando os cotovelos para não esmagá-la quando roçou os lábios nela.

— Você está grávida, — ele disse. — Duas semanas. Vamos ter um bebê.

Ela gritou e o abraçou, abraçando-o tão apertado que ele teve de lutar para respirar. — Eu te amo, — ela disse em seu pescoço. — Eu te amo tanto... — um gemido terminou a frase quando ela sucumbiu ao prazer de novo, arqueando as costas e inclinando os quadris para atender sua ereção.

Escorregou dentro dela com facilidade, e desta vez, apesar do que pensou antes, ele a levou lento e suave, certificando-se de que cada toque, cada beijo, cada deslize dentro e fora de seu corpo fosse uma declaração de seus sentimentos por ela. Disse-lhe também, mais e mais, para ter certeza de que ela entendia.

Uma hora depois, quando ela caiu no sono, contente, exausta, ele segurou-a, sua mão protetoramente sobre a barriga dela, com os olhos ardendo um pouco.

O desejo único de fazer pequenos Sems estava no DNA do Eidolon. Era um imperativo biológico que lhe enlouqueceu desde que assumiu Tayla como companheira. Ele queria esperar para ter filhos, seu cérebro lhe dizendo que não havia tempo. Mas seu corpo se enfureceu, e seu amor por Tay era tão grande que o desejo de criar algo juntou finalmente venceu a batalha.

Ele seria pai. Seu mundo ficou maior. E mais assustador. Mas, quando Tay suspirou baixinho e se aconchegou mais perto dele, ele sabia que lidariam juntos com isso. Ela o manteria saudável, e ele a manteria segura.

O bebê os manteria ocupados.

A vida era boa.

# Luc e Kar

Luc seria um pai.

Essa era uma merda assustadora. Kar não pensava assim, mas então, ela tendia a colocar muita fé nele. Igual daquela vez, que ela tinha certeza de que ele não faria chorar um dos trigêmeos de Shade e Runa. Mas merda, como diabos ele deveria saber que crianças pequenas não gostavam quando você rugia para elas? As crianças eram demônios, afinal.

Shade colocou Luc em seu traseiro por isso. Não que Luc não tivesse conseguido alguns golpes. Mas Shade tinha fúria reprimida do seu lado, tinha caçado Luc desde que o demônio soube que Luc tinha sido o único a transformar Runa em um lobisomem. E quase a matado.

Os demônios eram tão sensíveis.

Luc definitivamente não tinha esse problema. Inferno, metade do motivo pelo qual ele tinha medo da paternidade era que ele não sabia se poderia amar qualquer um, além de Kar. E se ele não sentisse nada pela criança? E se ele não pudesse amar? Esse tinha sido o medo dele desde o início, e nada mudou.

— Luc?

Kar ficou parada no pé da cama, nua, com as mãos na barriga inchada enquanto o encarava. Não em um milhão de anos, ele pensaria que alguém ou

qualquer coisa fosse fofa, mas ela era. Seus cabelos loiros-morango cresceram, agora se penduravam sobre os ombros leitosos e levemente encaracolados, e ela se curvava da gravidez, dando-lhe uma aparência mais arredondado e mais suave que lhe encaixava bem. Ela seria uma linda mãe.

Ele moveu seu próprio corpo nu na cama, mal conseguindo se mover. Kar estava furiosa com os hormônios da gravidez e a sensação da Festa da Lua, e os dois combinados lhe deram um apetite sexual. Sua desculpa por atacá-lo a cada duas horas era que o sexo poderia desencadear o trabalho de parto. Ele poderia declarar que não era verdade, ou ela teria tido o filhote há duas semanas.

Mas, se ele fosse contraria-la. Em seu estado, ela o esfolaria vivo. E depois faria com que ele tivesse mais sexo. Não que ele estivesse reclamando, mas gostaria de ter mais de duas horas de sono por vez.

— Sim, amos?

— Está na hora.

Ele bocejou. — Hora? Para mais sexo? Porque só passou meia hora.

Ela bateu o pé. — Para o bebê.

Por uma dúzia de batimentos cardíacos, ele deitou-se lá, com o cérebro derretido e sem compreender. Então, ele se sentou tão rápido que pensou que poderia ter distendido músculo nas costas.

— Eu não estou pronto, — ele disse, como se ao dizer isso faria com que o bebê se comportasse e simplesmente ficasse lá. Por mais dez anos.

Kar sorriu, o caloroso, que sempre lhe lembrava que, por mais duros que ambos podiam ser, também podiam abaixar suas paredes um com o outro.

— Você está pronto.

Se pronto quisesse dizer hiperventilar, então ele estava tão pronto. — Você tem certeza de que não quer ir ao hospital? — Ele balançou as pernas para o lado do colchão e pegou o jeans.

— Tenho certeza. — Ela saiu do quarto sem esperar por ele, indo até a porta escondida no chão da sala de estar. Ele a alcançou enquanto a abrira.

— Espere. Deixe-me descer primeiro. Eu quero ser capaz de te pegar se cair.

Ela ergueu uma sobrancelha para ele. — Você está sugerindo que eu estou gorda e desajeitada?

— Sim.

Ela o perfurou no ombro com força suficiente para fazê-lo gritar, o que a fez sorrir. No entanto, o sorriso só durou um segundo, porque então, ela estava estremecendo, e um gotejamento de sangue escorreu pela coxa.

O medo torceu o interior dele em um pretzel. Sim, ele era um paramédico, e sabia como funcionava o trabalho de parto de um lobisomem. Mas ele não gostou de ver sua companheira sangrando, mesmo que fosse suposto acontecer assim. Ele também não gostava dela estar com dor, e ele desejava que pudesse fazer isso por ela.

— Vamos, — ele disse suavemente. — Vamos levá-la para baixo.

Antes de começar a descer a escada na guarida secreta, onde podiam se esconder dos inimigos ou encadearem-se para as suas mudanças, ele a beijou. Emoldurou seu rosto em suas palmas e colocou cada grama do que ele sentia por ela nele. Ele não era mole com frequência, e ele não planejou isso agora. Mas esta era a última vez que eles teriam a chance de estar sozinhos por um longo tempo, e ele iria fazê-lo contar.

Quando ele se afastou, os olhos azuis pálidos de Kar estavam enevoados e sua voz grave. — Eu te amo, Luc.

Ainda o atordoava toda vez que ela dizia isso. Ele tinha sido um idiota quando se conheceram e, novamente, quando ela veio para ele por ajuda um mês depois. Ele tinha tanta sorte dela não ter atirado nele, porque ele teria merecido uma bala na cabeça.

— Te amo também. — Ele pisou no primeiro degrau da escada. — Agora vamos te instalar.

Luc a ajudou a entrar no espaço escuro debaixo da cabana, e enquanto ela pegava uma tigela de água do jarro que ele havia trazido na semana passada, ele colocou fogo no fogão a lenha para combater o frio sempre presente.

— Sério, — ele disse, virnado para vê-la arrumar cobertores e toalhas suaves em um ninho gigante. — Você tem certeza de que quer fazer isso?

— Sim, — ela gemeu, e ele sentiu seu interior torcer mais apertado.

Ela era um warg transformado, mas tinha o instinto de lobisomem nascido, talvez porque pertencesse a uma subespécie rara que se transformava na lua nova ao invés da cheia. Seja qual for o motivo, seu instinto era submergir e dar à luz sozinha. Ela nem queria ele lá.

O que era uma merda, porque seu instinto dizia que deveria estar ao seu lado, ajudando, cuidando dela, fazendo o que podia para aliviar sua dor e garantir a segurança tanto dela quanto de seu filhote.

Uma vez que o fogo estava acesso, ela começou a passear e gesticulou para a porta da escotilha.

— Kar...

— Vá. — Ela atravessou uma contração, seus olhos brilhando de dor. — Por favor, Luc. Nós ficaremos bem.

Droga. — Eu estarei no topo da escada, se você precisar de mim, e eu ligarei para Eidolon, ficar no modo de espera.

Ela gritou, depois grunhiu quando ele se moveu se aproximando dela. Certo. Ir. Hoje provavelmente não seria um bom dia para perder uma mão... ou pior, sua vida. Havia uma alta probabilidade de que ela mudasse durante o nascimento, e a mordida de um warg era a morte de um homem-lobo comum como ele. O que era a outra razão pela qual ela queria fazer isso sozinha. Na forma de sua besta, era provável que comesse alguém que estivesse a uma curta distância de seus maxilares maciços.

Ele escalou a escada, fechou a escotilha e ligou para Doc E, que ele esperava como o inferno que não fosse necessário. Não só isso significaria que Kar estava com problemas, mas o hospital não podia lidar com sua ausência por muito tempo. Não com a forma como o submundo estava ficando louco com o apocalipse iminente.

Então, agora, o quê? Toda célula em seu corpo estava gritando para ele estar lá embaixo com Kar, e quando ele a ouviu gritar, ele teve que retirar sua mão com força da escotilha com a outra mão. Era como se parte de seu corpo não estivesse prestando atenção em seu cérebro e maldição, mas isso poderia acabar mal.

Suando, passando os dedos entre os cabelos, ele andou de um lado para o outro. E ouviu seus gemidos e gritos, cada um dos quais era uma lança para o seu coração. Ele odiava isso. Odiava. Sem mais crianças para eles. De jeito nenhum. Ele não poderia passar por isso novamente. E se alguma coisa acontecesse com ela...

Ele forçou seus pensamentos longe dos piores cenários e de volta ao presente. E no presente, ficou claro que Kar havia se transformado. Os gemidos e

os gritos que se aproximavam da madeira no chão estavam pontuados por respirações ofegantes, algumas das quais eram dele. Ele continuava esquecendo de respirar.

— Kar, — ele respondeu. — Estou bem aqui, baby.

Ele não sabia se podia ouvi-lo através de seus gritos, mas tinha certeza de que podia senti-lo. Eles ficaram tão perto nos últimos nove meses que ele jurou que podiam sentir as emoções um do outro mesmo quando ele estava no trabalho no Underworld General e ela estava aqui em casa.

Um grito dolorido quase o rasgou ao meio, e ele caiu de joelhos, colocando suas palmas em seus olhos quando ele soltou seu próprio grito. Deus, ele estava sofrendo por ela. Ele estava sofrendo tão... fodendo... ruim.

Houve uma batida na porta da frente, e então abriu-se, e Con passou para dentro, seguido de Runa. Ambos estavam carregados com cestas gigantes cheias de comida e coisas para bebês.

— Ei, cara, — disse Con. — Nós trouxemos para vocês um par de refeições e uma tonelada de merda, Runa e Serena disseram que você precisaria para o bebê.

Luc pensou que eles já tinham tudo o que o bebê precisaria, mas tanto faz. Ele nem sabia o que eram Bodies, então ele estava bastante despreocupado.

Runa começou a ir em direção à cozinha. — Além disso, eu queria estar aqui para Kar, no caso de ela precisar de ajuda. — Runa, sendo um warg que passou pelo nascimento de três bebês, provavelmente era a melhor pessoa que poderia estar aqui.

— Obrigado, — ele grunhiu.

Ela lhe deu um olhar "duh" em que as fêmeas eram tão boas. — Você realmente não pensou que nós o deixaríamos passar por isso sozinho, não é? Há quanto tempo você trabalha na UG? Lobo tolo.

Con esperou até Runa ter sentado no chão ao lado de Luc. — E eu queria ter certeza de que você estava bem. — Ele sorriu. — Lobo tolo.

O vampiro era a coisa mais próxima que Luc tinha tido de um amigo, e embora ele não pudesse dizer isso, ele estava feliz por terem chegado.

Kar fez outro ruído sangrento, e Luc começou a tremer. — Ela está com tanta dor. — Ele piscou de volta a humilhação molhada em seus olhos. — Ela está sozinha, e estou fodidamente preso aqui.

— Não posso dizer que entendo o que você está passando, — disse Con. — Mas dhampire fêmeas fazem o mesmo, e tudo funciona bem. Kar e o bebê estarão bem.

Luc sentou-se lá com Con pelo que pareciam horas, e provavelmente eram. Runa trouxe-lhe um shot de whisky, e os dois fizeram o seu melhor para manter Luc ocupado. Na maior parte, funcionou.

Até ouvir o som do grito de um bebê.

O coração batendo na garganta, ele abriu a porta da escotilha com tanta força que arrancou as dobradiças, e então tocou no piso térreo sem dar um único passo na escada.

Sua boca ficou seca e seus olhos se molharam quando viu Kar deitada em seu ninho, um pacote de bebê torcido, protegido em seu peito.

— É uma menina, — ela sussurrou. — Nós temos uma bela filha com seus cabelos pretos.

Luc umedeceu um dos panos dobrados com a jarra de água e se abaixou ao lado delas.

— Vocês duas são lindas, — ele disse, enquanto ele limpava o suor da testa de Kar. — Você está bem? Posso te pegar qualquer coisa?

Seu sorriso estava cansado, mas tão feliz como ele já tinha visto, e seu coração deu uma grande batida. — Eu estou perfeita. — Ela olhou para a filha, que Kar tinha insistido que eles a chamassem de Luca se fosse uma menina. — Você quer segurá-la?

A ansiedade o invadiu e ele começou a suar. Ele tinha segurado um milhão de bebês, fez o trabalho de parto em sua ambulância, e enquanto o milagre do nascimento era bom e tudo isso, ele nunca sentiu nada além de uma obrigação profissional para um paciente.

Agora ele estava obrigado como pai. E se ele tivesse a mesma emoção que sentia quando estava segurando um paciente?

— Luc? Ela não vai morder. — Kar acariciou os cabelos finos de Luca e sorriu. — Ainda não, de qualquer maneira.

Ele inchou um pouco com orgulho. Como um warg nascido, sua filha teria uma baita de uma mordida.

Inalando uma respiração tremenda e profunda, ele enrolou suavemente a criança em um dos cobertores limpos e ergueu-a em seus braços.

Seus olhos azuis encontraram o dele e, instantaneamente, ela era uma parte dele. Instantaneamente, ele estava apaixonado. Deuses, ele foi quase derrubado em sua bunda pela intensidade disso.

— Eu lhe disse, — murmurou Kar.

Sim. Sim, ela tinha. Tinha certeza de que ele tinha espaço em seu coração para um bebê e ela estava certa.

Ele se inclinou e a beijou, tendo o cuidado de abraçar sua filha entre eles.

— Dessa vez, — ele disse: — Não me importo com o eu-disse-a-você.

— Bom. — Ela estendeu a mão e agarrou sua bochecha, o brilho em seu olho avisando-o para se proteger. — Então, você vai se lembrar disso quando tivermos nosso próximo bebê.

— Oh, inferno, não, — ele rosnou, mas, mesmo quando disse isso, ele sabia que estava falando uma mentira. O que Kar queria, ela conseguia. E, enquanto olhava para os olhos lindos de sua filha, ele percebeu que ele não se importaria com mais : eu-disse-a-você.

Pode trazê-los.



# Kaden e Andrea

Tayla Mancuso não sabia o que pensar quando começou a ser chamada de chefa da célula Aegis em Portland. Claro, Guardiões se transferiam o tempo todo, mas o Regent, Shawn, disse que este era um caso especial, e ele não falaria.

Então, quando um dos Guardiões que ele chamou de Andrea contatou Tayla e pediu para se encontrar no apartamento que Tay compartilhava com o marido, Eidolon, em vez de na célula da Cidade de Nova York, Tay ficou realmente desconfiada. Havia muito poucas razões que um Guardião não gostaria de se encontrar na sede de uma célula altamente fortificada, e no topo da lista seria se o Guardião não pudesse passar pelas proteções que impediam a entrada de seres do submundo. Ou se o Guardião estava preocupado em ser reconhecido por membros da célula, por alguma razão.

Ou se o Guardião queria Tayla sozinha, em algum lugar desprotegido.

Tayla passou por todos os cenários, e embora ficasse desconfiada, seu alarme interno de perigo não disparou. Ela atenderia Andrea, mas garantiria que Eidolon estivesse seguro.

Tayla nunca mentiu para E, mas antes de concordar em ver Andrea, ela se certificou de que ele estivesse trabalhando no Underworld General, o hospital que ele e seus irmãos mantinham para quem não podia ser visto em uma instalação médica humana.

Eidolon era um demônio, uma raça rara de incubus, e de maneira nenhuma Tayla permitiria um assassino de demônio no apartamento com ele lá.

É verdade que Tayla era meio-demônio, e sem dúvida os rumores já estavam se espalhando desde que ela revelou o fato a alguns figurões Aegis no Egito no mês passado, mas ela também era uma Guardiã, e era totalmente preparada para enfrentar Andrea caso este fosse algum tipo de truque.

Ou tentativa de assassinato.

Então, sim, ela concordou em se encontrar com Andrea enquanto Eidolon estava no trabalho. Não que ele não pudesse se defender, ele era um lutador poderoso. Mas ela não correria nenhum risco.

Engraçado quanta proteção ela havia obtido. Quando eles se conheceram, ela tentou matá-lo.

Agora, andava pelo corredor do caro apartamento de Manhattan que compartilhavam, flexionando os dedos sobre a arma em seu quadril. A dupla lâmina em forma de S era uma arma especial Aegis, a primeira arma com a qual foi treinada, e queria isso a mão caso houvesse problemas.

Porque repentinamente ela teve esse sentimento suspeito, e percebeu que atrás da porta havia mais do que apenas uma mulher querendo transferência da Cidade das Rosas para a Big Apple.

Ela abriu a porta, e sua mão voou para a arma com a visão de uma mulher de cabelos negros, que Tay assumiu que fosse Andrea... e um homem loiro que Tayla não tinha dúvida que era um vampiro.

Nem Andrea nem o vampiro perdeu a ação da mão de Tay, e apesar de rígidos, eles não fizeram qualquer movimento agressivo ou defensivo. Sábio, desde que Tayla também tinha uma estaca de madeira em seu tornozelo, e a capacidade de se transformar em um monstro incontrolável se a situação exigisse isso. Que ela esperava não acontecesse. Mudar para sua forma Soulshredder, com asas negras e quinze centímetros de garras venenosas, malditamente afiadas, a deixava ranzinza durante horas.

— Eu sou Andrea. — A fêmea, vestindo jeans e camiseta volumosa que, sem dúvida, escondia um monte de armas, pegou a mão do vampiro, e ele a puxou protetoramente contra ele. — E este é Kaden.

De repente, Tayla sabia o que estava acontecendo. Uma assassina havia se apaixonado por um vampiro. Muito como Buffy.

Como se Tayla pudesse falar, uma vez que ela dormiu com Eidolon antes de descobrir que também era um demônio.

— Então, — Tayla disse: — Suponho que você sabe sobre mim e minha situação, e espera que vindo a mim você encontre uma célula simpática à sua situação.

— É um pouco mais complicado do que isso, — Kaden disse; sua voz tão escura quanto suas calças de couro e jaqueta.

Ainda cautelosa, Tayla apontou para o casal entrar, e depois os conduziu ao escritório de Eidolon, onde eles se sentaram no sofá de couro. Kaden manteve rigidamente, sua linguagem corporal deixando claro que ele estava pronto para derrubar Tayla caso ela fizesse um movimento contra a Andrea. Tendo um companheiro superprotetor, Tayla entendia a precaução dele. Tratava com preconceito dentro da Aegis diariamente, e também tem sua paranoia, então ela daria uma pausa a ele. Porém ela não era estúpida, e assumiu uma postura informal perto da porta.

— Ok, — ela começou. — Então, como sua situação é mais complicada?

— Eu gostaria de saber a resposta para isso, também. — A voz profunda de Eidolon fez Tayla saltar, e ela se virou para vê-lo se movendo até ela em uma marcha suave e confiante, o que sempre a deixava excitada. — Você acha que eu não sabia que você estava escondendo algo de mim? Somos vinculados, lembra?

Ela suspirou. Sim, eles estavam vinculados. Ligados por um ritual de sangue e os glifos correspondentes em seus braços. Eles podiam sentir as emoções e as necessidade um do outro... especialmente as necessidades sexuais, dado que ele era um incubus.

— Olha, — Kaden disse, se levantando. — Não tive a intenção de causar problemas. Mas não podíamos ir à sede Aegis de Tayla porque não posso entrar, e mesmo se eu pudesse, seria abatido antes de atravessar o limite.

Tayla cruzou os braços sobre o peito. — Então explique o que vocês precisam.

— Kaden não é só um vampiro, — Andrea disse, ficando ao lado de seu vampiro. — Ele é um Guardião.

Jesus. Ok, Tayla não esperava isso. — Você foi transformado enquanto estava ativo na Aegis?

— Meu pequeno acidente aconteceu durante o trabalho, de fato, — ele disse ironicamente. — Claro, a Aegis não tem nenhum programa complementar para os trabalhadores que foram transformados em vampiros durante o horário de trabalho.

Então o cara tinha um senso de humor. Tayla teve que agradecer por isso. Não havia nada pior do que um vampiro pirando. — Há quanto tempo?

— Duas semanas, — Kaden disse. — Eu sou um vampiro novato.

Inclinando a cabeça, Tayla estudou o casal. — Suponho que vocês estavam juntos antes que isso acontecesse? — Em seus acenos mútuos, Tayla assobiou, longo e baixo. Não poderia ter sido uma coisa fácil para eles passarem, mas pareciam sólidos e felizes.

Andrea passou pelas costas dele num gesto afetuoso. — Ele está trabalhando disfarçado com vampiros para nos alimentar de informações. Graças a ele, nossa célula dizimou um ninho realmente ruim, mas agora que eles se foram...

— Sua célula não está sendo simpática, — Tay terminara.

— Exatamente.

— Eu entendo isso, — Tayla suspirou. — Então, o que vocês querem? O que faz vocês pensarem que minha célula é diferente da de Portland?

— Nós ouvimos... — Andrea limpou a garganta. — Nós ouvimos que você está, ah...

Tayla não deixou a pobre menina em mais desconforto. — Você ouviu que eu sou metade demônio. E que estou acasalada a um.

— Sim, — Kaden disse rispidamente, atirando um olhar cauteloso em Eidolon.

— Bem, vocês estão certos, — Tayla disse. — Eu não sabia sobre a minha metade-demônio até que conheci Eidolon. — Ela sorriu para ele, e ele devolveu. Ele era tão bonito. — Ele é um demônio Seminus, uma espécie rara de incubus. Ele dirige o Underworld General Hospital, que você pode ter ouvido falar.

Kaden assentiu. — O boato tem filtrado pela Aegis, mas definitivamente é conhecido entre os seres do submundo.

— Ok, — Tayla disse. — Aqui está a coisa. Você é uma Guardiã, o que significa que você acha que todas as criaturas do submundo são más. Exceto, agora que Kaden é um vampiro, você tem dúvidas. Estou aqui para lhe dizer que o submundo tem sua cota de bons e maus da mesma forma que os humanos. Eu tenho minha célula Aegis trabalhando com alguns, porque os demônios podem fornecer informações impressionantes. Se você se juntar a nós, pegará a merda, porque Guardiões não mudam de ideia facilmente. E isso também significa que você deve ter respeito pelos demônios que eu chamo de amigos e família. Entendido?

Andrea e Kaden trocaram olhares e depois inclinaram a cabeça.

— Bom, — Tay disse brilhantemente. — Agora, quer uma cerveja?

***

Descobriu que ser um Guardião vampiro ao invés de meramente um *informante* como Kaden era em Portland era muito legal.

Ele não foi exatamente recebido de braços abertos na célula da cidade de Nova York, mais como com olhares desconfiados e comentários um pouco maliciosos, mas quando começou a trabalhar e ficou em lugares que guardiões humanos não poderiam, ele ganhou muito respeito em muito pouco tempo. E quando chegou com seu braço quase decepado por um demônio orc, com o dobro do seu tamanho, Eidolon o tratou no Underworld General como se fosse parte da família.

Três meses depois de se mudar para a célula Aegis da Cidade de Nova York, ele e Andrea se casaram sob a lua cheia no gramado da sede, com todos os seus companheiros de célula presentes.

Agora, ele e Andrea passariam a primeira noite na nova casa, uma casa que compraram perto da sede da célula e foi alterada para vedar a luz durante o dia e fornecer um túnel de fuga no porão. Sim, Kaden era um pouco paranoico, mas mais de um Aegis foi alvo de demônios e arrastados de suas casas, e Kaden não deixaria Andrea se tornar uma dessas.

— Hei. — A mão dela desceu sobre seu peito nu quando ela subiu na cama, onde ele a esperava durante o que pareceu uma hora, mas realmente era apenas cerca de cinco minutos, enquanto ela lavava o rosto. — Você parece distraído.

— Não. — Estendeu a mão para ela, enlaçando-a pela cintura, ele a arrastou em cima dele para que ela montasse sua cintura. Seu pau já estava duro, e ela estava molhada, e agora eles estavam em posição perfeita para fazer o que ele queria fazer desde que despertou do seu dia de sono. — Só pensando sobre como somos sortudos.

Ela girou os quadris, esfregando o sexo escorregadio sobre o seu pau enquanto brincava com o dedo em seu torso. — Sim?

— Sim, — ele disse; sua voz mais baixa e mais áspera do que estivera um momento antes.

Um sorriso maroto levantou um canto da boca dela enquanto arrastava o dedo sobre seu peito, pescoço, e boca. — Você está com fome?

A voz sensual disparou seu pulso. Sim, os vampiros ainda tinham os pulsos... De acordo com Eidolon, seus estômagos assumiam o trabalho de seus corações, movendo o sangue através de seu sistema.

— Muito. — Ele só se alimentava de Andrea a cada três dias ou mais, completando a alimentação com porco ou sangue de vaca do matadouro. Bem, havia alguns desprezíveis humanos agora, que foram burros o suficiente para tentar roubá-lo nas ruas enquanto caçava demônios. E ele havia comido um metamorfo ou dois que tentaram matá-lo.

O dedo dela penetrou sua boca e começou a acariciar suas presas, que alongaram em resposta. Ele adorava quando ela fazia isso. Seus caninos se tornaram zonas erógenas, e na semana passada descobriu que podia gozar se ela brincasse com elas por um tempo suficiente.

Eles também descobriram que como um vampiro ele poderia ter orgasmos múltiplos e manter uma ereção enquanto Andrea aguentasse.

E sua esposa tinha muita resistência.

Tão. Malditamente. Sortudo.

— E onde, — ela ronronou, — Você gostaria de se alimentar hoje à noite?

Pergunta estranha. Ele sempre teve a veia do pescoço para que pudesse fazer amor com ela enquanto se alimentava. Mesmo agora, ele estava de olho na garganta fina enquanto ela balançava em cima dele, revestindo sua ereção com

seus sucos sedosos. O atrito era incrível, quase demais, e ele levantou seus quadris, buscando a entrada, mas ela mudou, negando-o.

— Megera, — ele murmurou. — Por que você está perguntando sobre a alimentação?

Seu sorriso travesso fez seu sangue bombear ainda mais rápido. — Porque eu tenho outras veias que lhe interessam.

Seu pau estremeceu, como se ele concordasse. Esteve sempre ao lado dela, o pequeno bastardo.

Ela baixou a boca no peito e beijou-o sobre o coração. Sua língua deslizou para lamber um círculo preguiçoso antes de beliscar e depois lamber novamente o local, acalmando a picada erótica. Então, lenta e sensualmente, ela arrastou o corpo enquanto beijava seu peito, ombros, pescoço. Os lábios eram suaves como cetim enquanto ela mordiscava ao longo de sua mandíbula para sua boca.

Todo o seu corpo ondulou, seu pau procurando-a, mas não encontrando o calor morno. Um rosnado de necessidade escapou dele, e sentiu os lábios dela estirar em um sorriso.

— Impaciente, nós estamos?

As ondas suaves de seus seios roçando sobre o peito o fez gemer. — Só tenho um tanto de controle quando se trata de você.

— Eu sei, — ela sussurrou contra seus lábios. — E eu adoro isso.

Ele rosnou novamente, mas ela o cortou com o deslizar de sua língua contra a dele. O beijo intenso e quente o fez estender a mão para ela, cavando os dedos em seus quadris enquanto tentava puxá-la para ele, mas ela era forte, e se manteve, praticamente desafiando-o a machucá-la a fim de conseguir o que queria.

Ele nunca faria isso.

A língua dela deslizou sobre um dos seus dentes, e ele estremeceu com prazer, sem saber o quanto mais poderia suportar. Quando ela o acariciou, passando a língua para cima e para baixo e, em seguida, raspando a ponta afiada, os espasmos de lançamento subiu sua espinha.

Andrea sabia e parou com o *trabalho no dente*, como ele descobriu que era chamado pelos vampiros. Antes que tivesse tempo para adivinhar o que estava fazendo, ela fugiu de seu corpo ainda mais, colocando um joelho ao lado de sua cabeça e deixando o outro apoiado em seu peito para que montasse seu rosto.

— Oh foda... *sim*... — a visão erótica quase o detonou, e ele teve que desviar o olhar antes de se vergonhar. Lançando os olhos para cima, ele encontrou o olhar ardente de Andrea.

— A veia aí, na minha virilha. Tome essa.

Ela não teve que pedir duas vezes. Agarrando a perna dela, ele a puxou para baixo enquanto levantava a cabeça e afundava as presas na carne doce da parte interna da coxa. Gemendo de prazer, mais louco, ele deslizou uma mão ao longo da pele lisa até o sexo. O calor escorregadio saudou a penetração de seu dedo, e conforme engolia o sangue poderoso, ele rodava o dedo dentro dela, tirando pequenos suspiros e choramingo dos lábios dela.

O canal dela pulsou e apertou quando o início do orgasmo a levou, mas não foi suficiente para ele. Ele precisava de mais. Queria provar seu clímax. Às pressas, ele retirou as presas, lambendo rapidamente para selar a ferida, e então se apegou ao núcleo com a boca, substituindo o dedo com a língua. Ela gritou, resistindo contra ele quando gozou.

Quando os espasmos enfraqueceram, ele a puxou, a deitou de costas e ficou por cima, montando-a com desespero. Ele entrou nela tão forte que ambos engasgaram, e então seu corpo assumiu, seu controle quebrado. Seus quadris movendo e martelando enquanto bombeava nela. O bater molhado da carne encheu o quarto, combinando com o ruído sensual do ranger de cama e os lençóis.

— Tão... bom... — ela parou em uma série de gemidos, e filho da puta, ela era linda. O cabelo dela era uma cortina brilhante espalhado no travesseiro enquanto a cabeça ficava zonza em êxtase. Os músculos tonificados flexionaram em ondas poderosas sob a pele que estava corada e brilhando de suor.

A visão o desfez. Calor disparou como uma chama pelas suas bolas e até o seu pau quando sua libertação explodiu através dele. Ambos gritaram quando ela se juntou a ele, as coxas dela esmagando sua cintura de forma primitiva, como todo homem amava. Ele gozou novamente, seu pau pulsando contra as paredes apertadas.

Ele afundou mole em cima dela quando ela terminou, os seus membros trêmulos, a visão turva. Quando pode se mover novamente, ele rolou de cima dela e a trouxe com ele, e assim ficaram entrelaçados, de frente para o outro. Ele gostava de segurá-la assim, gostava de vê-la com esse sorriso satisfeito, os lábios inchados de seus beijos.

— Kaden? — Ela abriu os olhos, que brilhavam e não sonolenta, absolutamente.

— Sim.

Ela se apoiou sobre um cotovelo. — Transforma-me.

Ele se sentou; incapaz de acreditar no que acabou de ouvir. Eles nunca falaram sobre o futuro, nem mesmo quando lhe pediu em casamento. O fato dela ser humana, e que envelheceria e morreria enquanto ele viveria era um ponto sombrio no relacionamento deles, e ele andou cuidadosamente na ponta dos pés em torno disso.

Ele não queria ouvir que ela estava bem com a morte, mas ao mesmo tempo, não queria ouvir que ela estaria disposta a abrir mão de sua humanidade.

Então, sim, ele estava totalmente engajado no modo de fuga.

— Transformá-la? — Ele respondeu asperamente. — Andrea.

— Não neste exato minuto, — ela disse, sentando e pegando a mão dele. — Nem mesmo este mês ou este ano. Mas eventualmente. Não quero ficar velha e forçá-lo a me ver morrer. — Ela mordiscou o lábio por um momento, como se tentando encontrar as palavras. — Aprendi tanto sobre o submundo nestes últimos meses. Sobre vampiros e demônios que nós chamamos de nossos amigos.

Isso ainda o tocava, que pudesse realmente ser amigo de demônios. Mas Tayla e Eidolon regularmente os convidava para jantar e eventos intra-hospitalares, e Kaden e Andrea passavam muito tempo na casa italiana de Lore, irmão de Eidolon, que dividia com sua companheira, chamada Idess, ex-anjo.

Kaden estendeu a mão e prendeu os cabelos atrás de uma orelha, mais uma desculpa para tocá-la do que qualquer coisa. — Então, sair com essas pessoas tem incentivado você a se tornar um deles?

— Fez-me perceber que eu posso fazer muita coisa boa caso eu seja mais forte e mais difícil de matar. Significa também que posso passar mais tempo com você. — Ela pôs as mãos em seu rosto e escovou os polegares levemente sobre sua pele. — Bem, o que você acha?

— Acho que eu te amo, e quero passar o resto da minha vida com você. Então, sim, eu me certificarei de que você tenha uma vida muito longa. — Ele levantou uma sobrancelha para ela. — Embora você possa se arrepender disso.

O riso dela soou através dele, todo o caminho para sua alma. — Eu disse que estou sendo completamente consciente. Você está preso comigo, amigo. Para a eternidade.

Ele passou os braços em volta dela e selou seus lábios nos dela. — Estou pronto para a eternidade, Andrea, — ele sussurrou. — Pronto quando você estiver.



# Shade e Runa

— Shade! — Runa entrou no quarto principal da caverna onde Shade tinha morado antes de estarem acasalados. Agora era seu refúgio romântico. Geralmente. — Seus filhos são impossíveis.

Shade se encolheu para dentro de uma camisa verde floresta, que foi tão natalino quanto ele conseguiu. Mesmo assim, isso foi sob protesto. Mas maldição, o verde se encaixava em sua pele bronzeada e cabelos pretos, e se os meninos não estivessem se contorcendo em antecipação à festa de Natal no Underworld General, Runa teria Shade contra a parede em um piscar de olhos.

— Só depois de você, — disse Shade, sua voz rude, mas o brilho de diversão em seus olhos escuros o entregou. Ele adorava ser pai, mesmo quando as coisas ficavam peludas.

Ele avançou, diminuindo o passo para beijá-la na bochecha. O calor corou o seu rosto, e os joelhos ficaram um pouco bambos. Eles haviam estado acasalados por quatro anos, e ainda seu toque fazia sua pele pinicar e seu coração bater mais rápido. Todas. As. Vezes.

Oh, sim, ela não podia esperar para encontra-lo sozinho. Aqui na caverna ou em um armário de fornecimento na UG, não importava. Como um demônio Seminus, ele precisava de sexo frequentemente para sobreviver, mas as coisas mudaram nos últimos três anos. Quando um Sem se acasalava e tinha filhos, suas necessidades, tanto sexual quanto reprodutiva, se ajustavam ao que seu companheiro poderia lidar.

Felizmente para Shade, Runa poderia lidar com muito.

Ela manteve seu olhar firmemente em sua bunda vestida de jeans enquanto ela o seguia até a sala de estar, onde os trigêmeos estavam lutando por um boneco do Homem-Aranha. Rade, que, com os cabelos pretos e os olhos castanhos escuros, era a imagem cuspida de seu pai, segurou o Spiderman sobre sua cabeça e empurrou seus irmãos enquanto eles tentavam agarrar o brinquedo.

— Ei! — A voz crescente de Shade congelou os três meninos instantaneamente. — Parem com isso.

— Mas papai… — Lágrimas encheram os olhos cor de champanhe de Stryke. Ele tinha conseguido o cabelo de Shade, mas os olhos de Runa, e ele era o melhor em usá-los para manipular seu pai.

— Nem sequer comece, — Shade disse em seu melhor tom de pai severo. Então, quando os outros dois garotos começaram a chorar, ele sorriu. — Mas o que você diz de lutamos?

Ele mergulhou no tapete, e um momento depois, ele estava coberto de crianças rindo.

Runa suspirou. Tanto para a disciplina. Mas ela não podia ficar com raiva, não na véspera de Natal, e não quando ela estava tentando fazer com que Shade aproveitasse o feriado exclusivamente humano. Droga, ela ficaria feliz se ele fingisse gostar disso, pelo bem das crianças.

Um lampejo de luz sinalizou uma chegada celestial, e Reaver se materializou, adornado com calças pretas e uma camisa de botão cor de safira que era apenas um pouco menos azul do que seus olhos. Blade, geralmente o mais silencioso dos trigêmeos, gritou enquanto se jogava nos braços do anjo. Stryke e Rade juntaram-se a seu irmão, transformando o pobre Reaver em um trepa-trepa.

— Obrigado por fazer isso, — disse Runa. — Nós não queríamos transportá-los pela selva para a Harrowgate. — E ela queria conversar com Shade.

— Não há problema. — Reaver jogou Stryke em seus ombros. — Eu estava pensando em começar um serviço de táxi angélico.

— Bem, nós apreciamos isso. — Ela pegou Rade quando ele correu em direção ao sofá, e colocou-o em um dos braços de Reaver. — Você está indo para o estacionamento?

— Sim. — Reaver arrastou Blade contra seu peito para que ele tivesse todos os três filhos juntos. — Jillian e Idess estarão esperando para ajudá-los a participar da festa.

— Todos os Cavaleiros estão indo? — Shade pôs-se em pé, chutando um campo minado de brinquedos. — Porque Ares me deve uma bebida.

Rade agarrou um punhado de cabelo loiro de Reaver, mas ele não fez nada a não ser piscar. — Haverá muitos humanos na festa, e eles reagem mal a ele. Todos nós estaremos juntos para o Natal, no entanto.

Um sorriso tocava os cantos dos lábios de Reaver, mas nunca foi além disso. Ela sabia que ele estava mais feliz do que jamais fora, agora que ele tinha filhos e netos em sua vida, mas ainda assim, havia uma tristeza persistente em relação a ele. Não estava sempre lá, mas ela vislumbrava de vez em quando, como se às vezes percebesse que havia alguma coisa faltando na vida dele.

Ela teria que perguntar a Shade se ele conhecia mulheres que gostassem de um anjo com um passado misterioso e quatro filhos que eram lendas bíblicas. Então, novamente, esses poderiam não ser bons pontos.

— Nós vamos vê-lo em pouco tempo. — Ela soprou beijos para os meninos, que acenaram quando Reaver os transportou de lá.

— É muito legal ter um anjo como uma babá. — Shade passou o braço em volta da cintura e a puxou para perto. — Ninguém vai foder com ele. Além disso, ele se encaixa com toda essa merda de Natal.

Maldito, ele. Ele nem estava tentando. — Shade. O que você disse às crianças? Parem com isso? Bem, pegue seu próprio conselho e pare com isso.

Ele revirou os olhos. — Oh vamos lá. Este não é um feriado de demônio. É humano.

— E eu costumava ser humana, lembra? Concordamos em criá-los para entender nossos dois mundos.

Seu sorriso provocador disse que não estava levando isso a sério. — Então, eu posso levá-los a uma tradicional orgia de Seminus em Samhain?

Com uma bufada, ela recuou, odiando o espaço frio que floresceu entre eles. — Sério? Você vai comparar uma orgia demoníaca com um feriado onde as crianças cantam músicas e recebem presentes e doces?

— Você pode obter presentes e doces em uma orgia.

Ela olhou furiosa. — Por que você está sendo tão teimoso? Não é como se você não tenha vivido entre humanos há décadas. E Wraith fez com que vocês trocassem presentes. No nosso primeiro Natal, foi você quem decorou a árvore.

— E daí?

— Então, o que há de errado com você? Desde que os meninos nasceram, você é todo o Grinchy. Por quê? — Quando ele não disse nada, ela pressionou mais forte. — Shade, você precisa falar comigo. Algo está acontecendo. O que é?

Silêncio. Shade se afastou e, assim quando ela pensou que ele iria sair, ele se virou e disse: — É a mentira.

Desconcertada, ela procurou em seu cérebro por qualquer dica sobre o que ele estava falando, mas não, ainda perplexa. — Que mentira?

— Sobre Papai Noel, — ele rosnou. — Eu não quero mentir para meus filhos.

Ela piscou. — É disso que se tratou? Por três anos, você tem medo de fingir que existe um Papai Noel?

Ele deu palmadinhas em seu peito e seu jeans no que sabia era uma busca por um chiclete. Um esforço inútil. — Meus pais nos disseram que nos manteriam seguros, e não o fizeram. Foi a primeira e última mentira que eles já disseram. Eu não quero que nossos filhos percebam um dia que a primeira coisa em que realmente acreditavam era uma mentira que lhes dissemos.

O coração de Runa derreteu-se em seus pés. — Oh, Shade, — ela sussurrou. — Se isso significa muito para você, podemos ser honestos com eles sobre o Papai Noel. Mas primeiro, apenas me escute, ok? — Ele assentiu, e ela respirou profundamente. — Eu tive uma infância mesquinha. Você sabe disso. Quase todas as minhas lembranças são horríveis. Mas as boas? Elas são todas sobre o Natal.

Ela pensou nas garrafas de álcool espalhadas por toda uma casa e, como às vezes seu irmão, Arik, enchia com luzes de Natal dentro delas para decorar a casa. Sua mãe sempre se certificou de que pelo menos havia um presente para cada um deles sob a arvore de plástico na manhã de Natal, e duas vezes ela até os levou para ver o coral.

— A coisa que eu mais lembro foi quando a nossa mãe nos levou para ver o Papai Noel. Nós sempre fizemos isso sem o nosso pai, e nós passávamos o dia inteiro fora. Ela nos comprava sorvete, e então ela buscaria chocolate quente para se aquecer. Quando terminamos, íamos ver o Papai Noel, e por um ano inteiro depois disso, quando todas as merdas aconteciam, eu lembrava que o Natal estava chegando. Era o único dia em que meus pais se tratavam bem, e um dia em que nada de ruim acontecia.

Shade moveu-se para ela, com toda uma graça e a abraçou. — Todos os nossos dias são assim, Runa, — ele disse em seu cabelo. — Nossos meninos não precisam de um dia especial reservado para se sentir seguros e amados.

— Não, eles não precisam. Mas talvez nós precisemos. — Voltando um pouco para trás, ela espalmou a mão em seu peito, bem no coração. — Algum dia os meninos vão crescer e sair, e você sabe o quão perigoso é lá fora, e quão forte são os instintos dos Seminus. O Natal precisa ser uma âncora, uma única época do ano em que podemos contar com todos juntos. Uma pequena mentira sobre um homem em uma roupa vermelha será o menor das suas preocupações, um dia — Sob a mão dela, o pulso de Shade bateu, e marca de acasalamento em seu braço começou a latejar no mesmo compasso que seu eu coração. — Dê-lhes isso. Dê-nos isso.

— Você está certa, — ele respondeu. — Desculpe, Runa.

— Não, — ela disse suavemente. — Você não precisa se desculpar. Nós viemos de mundos diferentes, e vamos entrar em conflito. É por isso que temos que conversar. Em vez de, você sabe, estar mal-humorado por três anos no Natal. — Ela beliscou seu bíceps para pontuar sua última parte.

— Eu vou te recompensar, eu juro. — Sua mão caiu em sua bunda, e ele a puxou ainda mais contra ele. Ela rosnou em aprovação e beliscou a pele sobre uma clavícula. Seu silvo - e a insta-erecção - disse-lhe que ele gostou. — O que você diz, vamos pegar os meninos e levá-los para ver o Papai Noel?

Ela sorriu. — Sério?

— Sério.

— Agora?

Um sorriso travesso atravessou seu rosto enquanto seus dedos mergulhavam entre suas coxas. — O que você acha?

— Eu acho que eu amo você, — ela sussurrou.

— Eu também te amo, querida, — Shade sussurrou de volta. — Feliz Natal.

# Reaver

Reaver observou cada feriado moderno evoluir desde os seus primórdios em tempos primitivos até suas tradições e peculiaridades atuais, mas ele nunca celebrou o conhecido como Natal.

Ah, ele tinha estado nas festas e foi convidado para reuniões realizadas por seus amigos, mas ele sempre se sentiu como um intruso. Mesmo no ano passado, depois de saber que os seres lendários conhecidos como os Quatro Cavaleiros do Apocalipse eram sua prole, ele evitou passar muito tempo com eles no Natal. Ele não tinha ideia de como ele deveria agir. O que ele deveria fazer.

Como ele poderia compensar por cinco mil anos de ausência em cada aniversário, cada feriado, cada evento importante e assustador em suas vidas?

Mas este ano, algo dentro dele ansiava a proximidade. E o perdão.

Porque, e se ele nunca mais tivesse a chance de celebrar com seus filhos - e netos - novamente?

Ele atravessou o quarto shopping insanamente caótico do dia, sua cabeça girando com o barulho, as luzes, as multidões de pessoas que não iriam sair de seu caminho. Era como se eles estivessem intencionalmente correndo para ele e bloqueando seu caminho.

Isso foi apenas estúpido. Ele não tinha ideia do que comprar para pessoas que tinham tudo - ou, pelo menos, acesso a tudo. Ares, Limos, Thanatos e Reseph

eram todos ricos além dos mais ricos, então, o que Reaver talvez pudesse comprar que eles ainda não tinham?

Merda.

Ele entrou em uma loja de roupas, abaixou-se atrás de uma bancada de casaco e piscou para o apartamento de Eidolon. O que era quase tão ruim quanto os shoppings.

A música de férias tocava de dentro da sala de estar, e o cheiro de pinheiros e pães de gengibre flutuavam pelo ar. Meias, guirlandas e várias decorações alegres cobriam quase todas os centímetros de parede e espaço.

Reaver achou que, se Papai Noel explodisse, o resultado ficaria como... isso.

Não que Reaver pudesse culpar Tayla por seu estilo de decoração entusiasmado; ela cresceu em casas de acolhimento e nunca teve realmente um Natal até se acasalar com Eidolon. Agora, ela se certificava de que seu filho nunca teria nada além de um feriado feliz e cheio de diversão.

O demônio Seminus estava na cozinha, com as mãos cobertas por luvas médicas, pois preparava cuidadosamente um sanduíche de presunto e queijo com precisão cirúrgica. O médico realizava todas as tarefas como se fosse uma operação vital.

— Você vai cortar isso com um bisturi? — Reaver perguntou.

Assustado, Eidolon se atrapalhou com a tampa da maionese. — Droga, Reaver, — ele murmurou. — Pare de fazer isso. Temos uma porta. Com uma aldrava e tudo mais.

— Os anjos não usam portas. — Claro, ele poderia ter batido, mas... nope. — E por que você está usando luvas?

— Porque eu amo raiz forte, mas derrete minhas unhas. — Ele esmagou um pedaço de pão de trigo em cima de seu sanduíche.

Hã. Ele aprendia algo novo sobre as espécies de Eidolon todos os dias. — Onde está Tayla?

— Ela levou Saber para fazer algumas compras no último minuto. Aparentemente, as crianças precisam de roupas de duendes para fotos.

Reaver desejou boa sorte a ela com isso. Os centros comerciais eram como currais, os compradores como touros destruidores. — É por isso que estou aqui. As compras.

Eidolon arrancou uma cerveja da geladeira e ofereceu um para o Reaver, que ele recusou. — Deixe-me adivinhar. Você não tem ideia do que dar para pessoas que têm tudo.

Reaver não se preocupou em perguntar a E como ele sabia disso. O médico sempre foi tão assustador. — Sim.

— Então dê-lhes algo que apenas *você* pode dar.

Ok, ele supôs que poderia trazer algo do reino Celestial, mas isso parecia muito fácil. Depois de cinco mil anos de ser um pai ausente, seus filhos mereciam algo melhor. Algo mais significativo.

Algo que eles poderiam manter para lembrá-lo se algum dia ele não estivesse mais por perto. Não que ele estivesse planejando ir embora.

Mas ele teve uma sensação sombria de que, em breve, ir embora poderia estar fora de seu controle. Ele tinha negócios inacabados, e seu nome era Harvester.

O fato de Harvester estar sendo mantida por toda a eternidade nas masmorras de Satanás complicou esse negócio e deixou Reaver inseguro sobre seu futuro.

Então, por enquanto, no presente imediato, ele tinha que dedicar todos os momentos à sua família. Uma família que ele desejava ter conhecido há muito tempo.

Há muito tempo... a resposta para o seu problema de presentes o bateria na cabeça. Sorrindo, ele agradeceu a Eidolon, que apenas encolheu os ombros e mordeu seu sanduíche enquanto Reaver se transportava para a única pessoa que poderia ajudá-lo.

Na manhã seguinte, ele encheu uma mochila com presentes embrulhados - a maioria deles para o filho de Thanatos, Logan, e Cara e Ares, adotaram o filho de Ramreel, Rath - e entrou no castelo de Thanatos na Gronelândia. Como o apartamento de Eidolon, a fortaleza maciça era um país das maravilhas de inverno, completo com um abeto azul de vinte pés de altura, carregado de ornamentos e luzes.

Limos, Cara e Regan estavam no chão com as crianças, Jillian e Reseph estavam alimentando um filhote de cachorro infernal de duzentos quilos, e Ares, Thanatos e Arik estavam de pé em torno de uma tigela de eggnog, os copos transbordando.

— Aw, Reavie-weavie trouxe presentes! — Limos se pôs de pé - como pôde, considerando que ela estava grávida - e jogou seus braços em volta dele. Ele sempre amava quando ela o chamava assim, mesmo que ele revirasse os olhos e murmurasse obscenidades.

— O que tem na mochila? — Reseph perguntou.

— Você verá em um segundo. — Reaver esperou até que Limos se separasse dele, e então jogou o conteúdo de sua mochila em uma pilha no chão perto da árvore. Ele deu a Logan e Rath um pacote, e depois procurou no resto dos presentes até encontrar as quatro caixas que ele estava procurando.

Enquanto os dois pequenos arrancaram com entusiasmo o papel, Reaver deu um presente para cada Cavaleiro.

Assim como as crianças, Limos, Ares, Reseph e Thanatos rasgaram seus pacotes. E então, eles pareciam tão confusos quanto o inferno.

Limos olhou para seu pendente de ouro grosseiramente feito, enquanto Ares olhava, desconcertado, para a adaga antiga de lâmina de cobre deitada na caixa que segurava. Thanatos correu um dedo ao longo, de ponta de ponta da lança, e assim como Reaver antecipou, foi Reseph quem falou primeiro.

— Legal. Eu consegui uma tigela de cereal feita de lama. — Ele olhou para Reaver. — Ah obrigado?

Reaver inclinou a cabeça. — De nada.

— Isto é… — Limos interrompeu com uma sibilância estrangulada. — Oh meu Deus, — ela respirou. — Isto é antigo, mas não é… velho. Eles são novos.

Thanatos franziu a testa. — Espere. O que? Eles são réplicas? — Ele segurou sua lança para a luz. — Isso parece algo que meu clã teria usado quando eu era criança.

— E é, — disse Reaver suavemente. — Eles não são réplicas. — Cada par de olhos no quarto se trancou sobre ele, e de repente ele se perguntou se ele tinha ferrado com tudo. Seus presentes eram coxos, não eram? Merda. Sentindo-se como um tolo, ele suspirou. — Eu não sabia o que conseguir para vocês, então fui a uma amiga chamada Lilliana. Ela é um dos poucos anjos que podem - e estão autorizados a viajar no tempo. Pedi-lhe que trouxesse o tipo de coisas que eu lhes daria se os conhecesse quando eram jovens. — O arrependimento ficou acumulado em sua barriga como um pedaço de bolo de frutas. — Foi idiota, eu sei.

— Não, — sussurrou Limos, seus olhos de ametista brilhavam. — É incrível.

Ares assobiou. — Não, merda. Eu não vi um desses em, bem, uma eternidade.

— Caraaaaa. — Reseph olhou para a tigela com uma nova apreciação, e Reaver jurou que ele o embalou com mais cuidado.

Um momento depois, Thanatos, que raramente expressava carinho, avançou e abraçou Reaver com força suficiente para tirar o ar de seus pulmões. Quando ele se afastou, ele foi substituído por Ares, e então Reseph, e finalmente, Limos.

— Melhor presente de sempre, — ela murmurou contra o peito. — Obrigada. Estou tão feliz que fosse você. De todos no universo, nós o conseguimos para ser nosso pai.

Os olhos de Reaver queimaram e sua garganta ficou entupida com emoção. Então isso ... isso era Natal.

Ele nunca festejou antes, mas agora ele sabia que não queria perder outro.

E se ele pudesse evitar, ele nunca faria.

# Revenant – epilogo

***Nove meses após os acontecimentos de REVENANT***...

— A coroação do bebê! — Sorrindo, a médica Gemella Morgan olhou para Blaspheme enquanto se preparava para entregar o mais novo membro da família Seminus.

Blaspheme estava ao lado de Gem, ajudando no parto de uma ex-anja chamada Idess, empurrando através de uma contração, seu longo cabelo caramelo caído em seu rosto. Seu companheiro, Lore, irmão de Eidolon, Shade, Wraith e Sin, segurou sua mão esbelta em sua luva. Idess era imune às consequências fatais do contato com a mão direita dele, mas ele sempre usava luvas em público para evitar acidentes.

— Dê-nos outro impulso, — encorajou Blas. — Ele está quase aqui.

Idess atendeu com um grito, e Gem gentilmente apalpou a cabeça do bebê. Idess não desistiu, e com outro grande empurrão, a criança deslizou se contorcendo nas mãos de Gem. Os próximos momentos foram um borrão de cobertores, cordão umbilical e os sons alegres de dois novos e felizes pais.

Os olhos de Blas picaram ao ver Lore beijar Idess com ternura, com uma mão no bebê nos braços dela, e a outra tocando a bochecha úmida. O amor fluindo entre os três encheu a sala, a força dele tão tangível que Blaspheme sentiu isso como um formigamento na pele. Ela não estava pronta para crianças, nem mesmo perto, mas podia visualizar um futuro semelhante para ela, Revenant, e seus filhos, e seu coração bateu em um ritmo feliz.

Com um sorriso, Lore se endireitou, seu grande corpo se elevando sobre ao de sua companheira. — Ok, vamos ver quem é o pai do rapaz.

Idess resmungou suavemente. — Você é o pai.

Lore acariciou a cabeça escura do bebê. — Sim, eu sei. Mas há três caras na sala de espera que estão morrendo de vontade de saber de quem o nadador doador foi o mais rápido. Ouço que há muito dinheiro apostado nisso.

Idess revirou os olhos e encarou Gem e Blaspheme. O que significava que os machos não tinham esperança. Blaspheme concordou com isso completamente.

Lore puxou o fofo cobertor de pato para expor o braço direito do bebê e a manga de glifos parecidos com tatuagens que se estendiam de seus dedinhos até a base da garganta. O dermoire, uma história paterna através de dezenas de gerações, revelaria o símbolo do pai biológico no topo, um par de balanças para Eidolon, um olho para Shade ou uma ampulheta para Wraith.

Por um momento, Lore ficou ali, a expressão vazia. Blas prendeu a respiração.

— Bem? — Idess sugeriu.

— Adivinhe.

Idess ergueu uma sobrancelha. — Eu realmente preciso?

— Provavelmente não. — Lore caminhou até a porta, abriu-a e gritou: — Wraith! Você é um filho da puta!

De repente, o quarto estava cheio de demônios Seminus e suas companheiras, todos oferecendo parabéns. Wraith, é claro, acrescentou algumas vantagens e exigências para que todos paguem.

Quando uma nova onda de barulho do lado de fora do quarto anunciou a chegada dos Cavaleiros, Reaver e suas companheiras, Blaspheme decidiu que era hora de sair de lá. Ela amava todas essas pessoas, mas ainda não estava acostumada com o caos que uma grande família trazia. Ela e Revenant eram muito parecidos nisso, desfrutando do tempo de silêncio entre os encontros enormes e frequentes.

Blaspheme deu um abraço em Idess e Lore e depois saiu do quarto lotado para se juntar a Revenant, que estava apoiado na mesa em seu escritório. Quando ela entrou, ele olhou para cima da revista People que estava folheando, e ela suspirou ao saber que o anjo alto e vestido de couro era todo dela. Mais tarde, ela levaria seu doce tempo retirando todas as armas visíveis e escondidas, as roupas, botas góticas e a cueca boxer Grinch que ela comprou para ele no Natal.

E sim, ela sabia que ele a usava, porque seus poderes de anjo incluíam visão de raios-X que fazia sua antiga habilidade de Falso Anjo parecer lamentável.

— Bem? — Ele perguntou.

— É um menino.

Rev deu-lhe um olhar de *é obvio*. Com exceção de Sin, que era uma anomalia mestiça, todos os demônios de Seminus eram do sexo masculino. — Quem é o pai?

— Wraith, — ela disse, — E estou feliz. Ele tem um filho, mas sua companheira é vampira, então eles não podem ter mais filhos. Ele vai adorar estragar esse garoto.

Revenant soltou a revista e a puxou em seus braços, envolvendo-a com calor e força. — Tudo isso parece tão normal. Vampiros e demônios que se acasalam, irmãos doando sêmen para gerar um bebê, então um irmão mestiço pode ter um filho com uma ex-anjo...

Rindo, ela olhou para ele. — Para Underworld General, isso é muito normal.

Ele pareceu considerar isso. — Eu gosto, — ele finalmente disse.

— É legal, — ela concordou. — Mas não pense que foi fácil para qualquer um deles chegar a esse ponto.

— Confie em mim, — ele murmurou, — Não penso assim nem por um segundo. E tenho a sensação de que entre a família Sem e os Cavaleiros, a insanidade explodirá por aqui eventualmente.

Ela também sentia isso. Mas também sabia que todos nesta notável família extensa se uniriam em momentos difíceis e, de alguma forma, tudo ficaria bem. O futuro estava aberto e, pela primeira vez, Blaspheme não estava preocupada.

Ela podia ficar sozinha, mas se caísse, ela tinha uma família para pegá-la, e um companheiro poderoso para segurá-la.

Então, sim, ela estava muito ansiosa para o próximo capítulo em todas as suas histórias.